

NEOLIBERALISMO À BRASILEIRA: A DIMENSÃO SUBJETIVA NA FÁBRICA DE NEONINGUENS¹

Valéria de Carvalho Romão²

Conrado Pavel de Oliveira³

RESUMO:

O presente artigo é um ensaio teórico crítico que tem por objetivo propor reflexões e discussões sobre o sistema neoliberal e seus desdobramentos na dimensão subjetiva brasileira, perpassando os pressupostos teóricos de identidade e da subjetividade propriamente dita. Além disso, pretende-se articular os saberes da antropologia e dos conceitos de Darcy Ribeiro em sua obra *O Povo Brasileiro: Formação e Sentido do Brasil*, compreendendo a historicidade e a ninguentade presente em novos moldes de acordo com modelo político-econômico neoliberal no Brasil. Compreende-se que o neoliberalismo não se situa apenas como um sistema, mas sim como um modelo de assujeitamento que produz novas formas de ser e de estar no mundo, incluindo sua subjetividade e identificação na sociedade, uma vez que se fomenta a individualidade e a competitividade. Aliado a um crescente neoconservadorismo e desmonte de políticas públicas se situa uma dificuldade de um povo que exista para si. Assim sendo, espera-se ampliar os estudos disponibilizados, realizando uma compreensão mais ampla de acordo com a categoria de análise da dimensão subjetiva da realidade.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Dimensão Subjetiva. Identidade.

BRASILIAN NEOLIBERALISM: THE SUBJECT DIMENSION ON THE FACTORY OF 'NEO-NOBODIES'

ABSTRACT:

This article is a critical theoretical essay that aims to propose reflections and discussions on the neoliberal system and its unfolding in the Brazilian subjective dimension, passing through the theoretical assumptions of identity and subjectivity itself. In addition, it is intended to articulate the knowledge of anthropology and the concepts of Darcy Ribeiro in his work *O Povo Brasileiro: Formação e Sentido do Brasil*, understanding the historicity and the present no-bodies in new molds according to the neoliberal political-economic model in Brazil. It is understood that neoliberalism is not only situated as a system, but as a model of subjection of individuals that produce new ways of being and staying in the world, including their subjectivity and identification in society, since that individuality and competitiveness are instigated. Allied to a growing neoconservatism and dismantling of public policies, there is a difficulty for a people

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas. Recebido em 24/05/2022 e aprovado, após reformulações, em 24/06/2022

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: valeriaromao1@gmail.com

³ Mestre em Promoção De Saúde e Prevenção De Violência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: conradopavel@uniacademia.edu.br

that exists for itself. Therefore, it is expected to expand the studies available, achieving a broader understanding according to the category of analysis of the subjective dimension of reality.

Keywords: Neoliberalism. Subjective Dimension. Identity,

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se configura como um ensaio teórico crítico sobre o sistema neoliberal e seus desdobramentos na dimensão subjetiva brasileira. Entende-se que, apesar do neoliberalismo se presentificar ao redor do globo, o fenômeno neoliberal acontece de diferentes maneiras a depender da história do país e do terreno que irá se instalar e fazer morada sobre o povo. Darcy Ribeiro (2015) aponta que o caráter atípico do processo histórico brasileiro não está nos esquemas de outros contextos fora do Brasil, assim, é afetado e configurado por processos políticos, econômicos, sociais e também subjetivos na identidade de seu povo. A escravidão, o colonialismo e o Brasil se posicionam enquanto periferia, ou seja, um país que não está no local central de desenvolvimento econômico-político em um novo modelo na modernidade caracteriza o caráter atípico brasileiro. Assim, em um contexto global de dependência, o Brasil em sua raiz histórica colonial produz e é explorado. Tal paralelo também existe em outros países da América Latina e de violenta colonização.

Sendo assim, o tema do estudo se desenvolverá através de um levantamento bibliográfico em um ensaio teórico crítico e reflexivo por autores tanto da psicologia, mas também das ciências sociais, abordando a dimensão subjetiva da realidade, identidade e o neoliberalismo. Além disso, tem por objetivo propor reflexões, discussões para a análise das determinações do neoliberalismo na dimensão subjetiva do povo brasileiro.

Portanto, inicialmente será abordada a dimensão subjetiva da realidade, sendo esta uma categoria de análise, buscando contextualizar a subjetividade na perspectiva da psicologia social, discutindo seus conceitos e seu diálogo com a realidade. Diálogo este que, na psicologia experimental de Wundt no final do século XIX, não existia e de forma muito incipiente em todas as suas abordagens psicológicas positivistas que se tornaram hegemônicas ao longo do século XX, uma vez que se buscava objetividade do fenômeno, não se pautava a inserção do indivíduo na coletividade para a formação de sua dimensão subjetiva (BOCK; FURTADO, 2020).

Por conseguinte, na segunda seção, se insere a partir de Darcy Ribeiro (2015) e sua obra **O Povo Brasileiro: Formação e Sentido do Brasil**, as noções de

ninguendade e do caráter histórico e colonial do Brasil, compreendendo a importância da história e do caráter atípico brasileiro em seu seio de formação para as produções neoliberais que são feitas no país a posteriori, com seu início nos anos 90 com o governo Collor (SILVA; ALEXANDRE, 2019). A identidade também é discutida e pontuada, tal como sua definição e o atravessamento na subjetividade. Ressalta-se que a identidade provém de um processo e não dada sem sua história e seu povo.

Nas próximas seções, se propõe o levantamento de discussões sobre o neoliberalismo, investigando os desdobramentos presentes no diálogo entre **identidade brasileira** e a ideologia neoliberal. Apresenta-se um breve histórico, contextualizando-o enquanto doutrina econômica que se faz presente em um modelo de sociedade e de ser humano para além de um projeto político e econômico, o qual tem assolado o cenário político brasileiro, visto que o neoliberalismo visa o individualismo, além de, conseqüentemente, inviabilizar a garantia de direitos e proporcionar novos meios de subjetivação e identificação de uma nação (SILVA; ALEXANDRE, 2019). Os neoninguens se produzem nesse cenário, em um neoliberalismo à brasileira.

No neoliberalismo também se tem o neoconservadorismo auxiliando a manutenção dos modelos de apoio para o assujeitamento para com a população. O conservadorismo foi construído, desde sua origem, como uma ideologia antirrevolucionária no século XVIII, com Edmund Burke, na época de pós revolução francesa (SOUZA, 2020). Tanto o conservadorismo e neoconservadorismo renunciam aos ideais de democracia e justiça social. Assim, será discutida também as noções históricas e da conservação de valores em um projeto supostamente liberal em todas as esferas, que favorece alguns e provoca barreiras de acesso a outras via desmonte de políticas públicas. Então, hoje, a influência do neoconservadorismo muitas vezes enfatiza aspectos da história colonial brasileira, em que, essa cicatriz permanece existente e latente. O legado da história permanece no cotidiano e nos interesses de classes dominantes e dominadas, influenciando, sobretudo, suas escolhas políticas, idéias, valores, cultura e relações sociais (SOUZA, 2020).

Assim, o presente artigo se configura como um estudo relevante ao abordar a dialética da identidade brasileira com o modelo neoliberal, os aspectos sociais, econômicos e políticos que se desembocam na dimensão subjetiva da realidade, sendo uma análise que pode ampliar a compreensão da realidade. Além disso, visto que a questão tem sido pouco trabalhada na psicologia, se pretende contribuir a esse

campo de saber sobre a constituição subjetiva e identidade cultural por meio deste ensaio reflexivo, construída na relação dialógica com a antropologia.

Por fim, contribuir com o tema é ampliar os estudos disponibilizados, realizando uma compreensão mais ampla do processo frente às possíveis pesquisas que carecem de estudos. Pensando também, no projeto da psicologia e compromisso social.

2.DIMENSÃO SUBJETIVA DA REALIDADE

As concepções sobre o humano trazem consigo um caráter amplo, cheio de embates e óticas em seu entorno. Para a compreensão do ser humano, seu presente, seu estar no mundo e a historicidade sempre devem ser levados em conta. O ser humano é constituído na constante relação e movimento consigo mesmo, com o outro, com o tempo e espaço. Não obstante, o próprio conceito de subjetividade também se presentifica em meio ao social, indissociável e pré-requisito para as construções da dimensão subjetiva da realidade. De acordo com Bock e Gonçalves (2005) a compreensão do sujeito só é possível a partir de uma leitura dialética da história, portanto, a subjetividade é apenas possível a partir do social, se constituindo no mesmo e em processo.

Em definição, a subjetividade se pauta em um dinamismo complexo e multideterminado, com matizes e estabelecida na relação indivíduo-coletividade. Ao reconhecer o dinamismo e o diálogo com o psiquismo, se afirma também um sujeito histórico (BOCK; GONÇALVES, 2005). Porém, tal compreensão sobre a subjetividade não é única e nem sempre esteve presente na psicologia, assim, a subjetividade se posiciona em um embate histórico, onde é necessária uma discussão a respeito da dicotomia ainda existente de sociedade-indivíduo, mundo interno e externo e, principalmente, subjetividade e objetividade.

De acordo com Bock e Furtado (2020), a psicologia, em seus passos na busca da compreensão do humano de maneira metódica e sistemática, acarretou na separação do sujeito e do objeto, e por conseqüência, a subjetividade e objetividade, sendo exteriores a cada uma, sem dialogo da subjetividade e objetividade. Foi essa postura positivista de construção do conhecimento científico que se tornou hegemônica desde a fundação da psicologia enquanto ciência no laboratório de Wundt. Segundo Lane (1994), o positivismo, na busca pela objetividade dos fatos, perdera de vista o ser humano enquanto sujeito histórico, ativo, criativo e

transformador da realidade pela sua ação no mundo, que faz a cultura e história. Conforme os autores, tal dicotomia entre subjetividade e objetividade era necessária para a garantia de uma ciência psicológica que não fosse marcada pelas emoções e afetos, para não impedir a leitura objetiva e positivista dos fenômenos subjetivos e humanos. A busca pela neutralidade científica expressava uma ciência alheia ao subjetivo, uma vez que os campos objetivos e subjetivos eram vistos como independentes e separados, logo, tidos como naturais e regidos por si mesmos (BOCK; FURTADO, 2020).

A Psicologia, até não muito tempo atrás, não tinha sido capaz de falar do fenômeno psicológico e das condições econômicas, sociais e culturais nas quais se inserem as pessoas. O início das discussões sobre a serviço de quem a psicologia estava se deu à partir da crise da psicologia como um todo. De acordo com Silva (2019), tem seu início na Europa na década de 1960, com o modelo cognitivo-experimental em crítica, e chega ao Brasil na década de 1970, trazendo importantes discussões sobre qual tem sido o papel da psicologia na sociedade (SILVA, 2019). Porém, tal segmento sem criticidade e sem se situar na cultura é incapaz de compreender e analisar o humano inserido no seu contexto e processo histórico. Gonçalves (2007), ao olhar da psicologia sócio-histórica, expressa a subjetividade e como sendo uma experiência humana, em que a relação entre objetividade e subjetividade está em constante movimento de transformação, dialogando e constituindo-se.

A realidade é multideterminada e está em constante movimento. As constituições deste movimento resultam em produtos subjetivos e também no sujeito singular, que é ativo e transformador da realidade social (LANE, 1994; BOCK; FURTADO, 2020). Desta maneira, de acordo com os autores, os dados subjetivos se integram ao mundo concreto e passam a ser participantes, reafirmando a dialética presente e não dicotômica. Portanto, a categoria de análise da dimensão subjetiva da realidade permite que os aspectos subjetivos que estão nos fenômenos sociais sejam reconhecidos e vistos como integralmente participantes, com ampla compreensão da realidade e consciência de seus impactos (BOCK; FURTADO, 2020). Por fim, os processos econômico-políticos e desdobramentos da dimensão subjetiva da realidade estão a todo tempo em diálogo e em constante transformação, principalmente na sociedade.

3. O POVO BRASILEIRO, IDENTIDADE E NINGUENIDADE

Ao se falar de Brasil e seu povo, fala-se de um processo histórico, sendo marcado pela colonialidade, onde a realidade foi sendo construída a duras lutas. Um povo marcado pela escravidão e servidão, pela violência, exploração, utilizado de serventia no mercado mundial, com confluências raciais e culturais distintas em sua formação como povo. Assim, indissociavelmente, as constituições da gestação e seus caminhos dizem das produções subjetivas e da identidade da nação em formação.

A respeito da identidade, em seu sentido geral, muitos consideram como sinônimo de individualidade, representações simbólicas ou posições sociais, com imutabilidade. Cabe aqui refletir que para a formação das identidades, primeiro necessita-se do mundo social e das interações no mundo (FILHO; SANTOS, 2017). De acordo com Ciampa (1984), a identidade é movimento, é metamorfose, se faz no mundo, envolvendo representações que se constituem e se transformam nas interações com o sujeito.

Portanto, ao se falar de identidade, especificamente do povo brasileiro, revela-se um Brasil com suas origens, em um trajeto de formação sociocultural, em que conseqüentemente impacta e constitui a subjetividade e identidade do povo brasileiro, em modificação constante. Ressaltado por Miglievich-Ribeiro (2009), na constituição de um povo não há nada de natural e ou de inerte/estático, assim como a identidade em sua metamorfose, a história se faz como processo e seus seres inclusos nela também. Realiza-se a construção de uma identidade nacional brasileira.

Em concomitância, de acordo com Darcy Ribeiro (2015), o caráter atípico do processo histórico brasileiro não é pautado nos esquemas de explicações de outros contextos além do Brasil, mas sim deve ser compreendido como fruto de um processo de violência e da dominação do europeu sobre o índio e o negro (MAGLIEVICH-RIBEIRO, 2009), em que seu povo surge a partir do cunhadismo⁴, estruturando-se com base numa força de trabalho africana (RIBEIRO, 2015). É no berço desses acontecimentos que se batalha pela identidade e, também, em uma forma de estruturar-se como um povo que exista para si mesmo. Ou seja, uma identidade que reflita quem o brasileiro é, diferentemente da identidade forjada por interesse de

⁴ “[...] cunhadismo foi o modo de os tupinambás introduzirem estranhos à sua sociedade e consistia “em lhes dar uma moça indígena como esposa. Assim que ele a assumisse, estabelecia, automaticamente, mil laços que o aparentavam com todos os membros do grupo” (RIBEIRO, 2015, p.81)

outros, onde a identidade e a subjetividade foram distorcidas e movidas para favorecer uns e manipular o povo a bel prazer em um sistema.

Darcy Ribeiro (2015) aponta que, a partir do cunhadismo e da convergência de etnias e raças, surge no processo de colonização, uma gente nova, um povo étnico que não se identificava e muito menos se encaixava na sociedade vigente. Essa gente nova causava estranheza no lusitano e também nos demais. O brasilíndio e o afro-brasileiro estavam etnicamente, numa terra de ninguém, em que “[...] a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguendade de não índios, não europeus e não negros, que eles se vêem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira” (RIBEIRO, 2015, p. 58). Portanto, na necessidade de se identificarem para não se encaixarem como ninguéns, ou seja, alguém sem identidade, sem nomeação, sem representação social, nasce da ninguendade o brasileiro, em que, nos dias atuais, ainda se faz e busca identificar-se. Suas lentes ao longo da história foram e continuam sendo diversas vezes refeitas em uma dura tentativa de encaixar-se.

A ninguendade deve ser compreendida como resultado do processo de colonização e está também em um movimento dialético. O Brasil se coloca como dependente, onde as riquezas e a população são tomadas, servindo de um campo fértil para expropriação de suas riquezas e, assim, enriquecendo o desenvolvimento do centro do capitalismo mundial. Cria-se e reproduz-se então, as conexões necessárias para que as estruturas econômicas, políticas e socioculturais da nação dependente se espriem na construção da identidade de um e todos nós do povo brasileiro (COSTA; MENDES, 2020). Em **O Povo Brasileiro: Formação e Sentido do Brasil**, Darcy Ribeiro (2015) aponta que a população brasileira se compõe pela forma que a classe dominante, sendo essa empresarial-burocrático-eclésiástica, configurou a sociedade segundo a própria cultura e interesses, reduzindo a uma oferta de mão de obra de servidão para o povo. Ainda conforme o autor:

Nós, brasileiros, nesse quadro, somos um povo sem ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na *ninguendade*. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros. Um povo, até hoje, em ser, na dura busca de seu destino (RIBEIRO, 2015, p.200)

É um povo que vive coletivamente o processo de dominação e de opressão, em que o domínio e a manipulação estão constantemente em ação, auxiliando no

assujeitamento dos indivíduos, tal como sua subjetividade e visão do povo brasileiro sobre si. À vista disso, a naturalização e assimilação dos processos afeta diretamente a subjetividade, identidade e as relações com o mundo, uma vez que são indissociáveis e está sempre em diálogo, diálogo este que atravessa as diferentes esferas dos sujeitos (COSTA; PAIVA, 2018). Portanto, apreender a cicatriz brasileira relacionam-se aos moldes econômicos e políticos impostos ao decorrer dos séculos na realidade.

4- NEOLIBERALISMO

O modelo neoliberal que molda e estrutura-se nas sociedades tem seu processo histórico para que hoje seja tão presente e influente, principalmente a partir do advento da modernidade. De acordo com Mancebo (2002), a modernidade se inicia no século XVI, consolida-se no XVIII e sofre modificações constantes. Caracteriza-se como um momento específico na história em que seus acontecimentos tocam na inclusão de instituições que prezam pela ideologia individualista, culminando no liberalismo e o neoliberalismo a posteriori.

Para falar de ideologia, Martin-Baró (2017) a concebe como uma totalidade de interesses sociais da maioria que a cria, dando sentido social, identitário e subjetivo. Em concomitância, Guareschi (2005) pontua que dentre os diferentes sentidos que o termo ideologia pode tomar, além de dar sentido para o indivíduo no social, a ideologia é principalmente utilizada para o assujeitamento de sujeitos através de formas simbólicas, e pelas relações, estabelecer ou criar estratégias de dominação, manipulação e exploração. Ademais, em definição:

A ideologia é o conjunto de pressupostos ou os "pré-supostos" da vida cotidiana de cada grupo social, pressupostos triviais ou essenciais para os interesses do grupo dominante. Na medida em que uma ação é ideológica, ela se relaciona com uma classe social e com certos interesses, ou seja, é influenciada por interesses grupais que dão sentido e significado social para a ação. (MARTIN-BARÓ, 2017, p.119)

Nos pressupostos da vida cotidiana é que a ideologia permeia, observada nos modelos econômicos e simbólicos das classes sociais, sendo uma das estratégias de exploração e manutenção de uma dada população concreta. No Brasil em especial, percebe-se como as suas particularidades históricas produzem uma amálgama à brasileira entre a ideologia, identidade e subjetividade. Dialogam-se e se entrelaçam

o tempo todo na metamorfose do vir a ser brasileiro, suas formas de pensar, viver e criar.

Portanto, a fundação e solidificação do capitalismo dentro da sociedade foi um marco de grande importância, instituindo transformações não apenas sobre o modo de produção econômico vigente, mas também nas realidades, com ideologias e uma suposta liberdade no mercado (MANCEBO, 2002). Liberdade qual é apenas para alguns. Com a ascensão e hegemonia do liberalismo, o individualismo se fortalece e dispõe os princípios de livre arbítrio, com a suposta capacidade soberana de o sujeito decidir seu lugar na sociedade (GONÇALVES, 2007). Ainda segundo a autora, a nova sociedade se abre como um mercado onde “todos” podem vender e comprar conforme seus talentos, assim, a necessidade da produção de mercadorias impõe a participação dos sujeitos como produtores ou consumidores de mercadorias, configurando também uma produção ideológica da burguesia. Nesse embate, a ideologia se reproduz e faz parecer natural aquilo que é histórico.

Segundo Mancebo (2002), para que acontecesse a garantia dos direitos e a liberdade individual, foi realizada uma evidente cisão entre vida privada e pública, atribuindo à primeira o exercício da liberdade individual livre de interferências, e à última, o comportamento regrado, racional e civilizado. No entanto, no século XIX o liberalismo passa por revisões, é o momento da transição para um capitalismo do monopólio, acompanha-se à redefinição do Estado e suas relações com a sociedade civil (MANCEBO, 2002). Para melhor elucidação dos tempos na história, a autora ilustra que o primeiro momento do capitalismo engloba o século XIX, fase do capitalismo liberal. Já no segundo período se intitula capitalismo organizado no final do século, com ápice do desenvolvimento depois da 2ª Guerra Mundial e a última etapa na década de 60, período qual se presentifica agora, o capitalismo financeiro, capitalismo desorganizado ou então pelo nome do presente estudo: neoliberalismo.

De acordo com Pastorini (2004), dentro da proposta central do neoliberalismo está a ideia de que é importante a limitação da intervenção do Estado e do chamado Estado de Bem-Estar, alertando que resultaria em destruição da liberdade dos indivíduos se não seguido. Isso ocorre como doutrina em “resposta” à crise do Estado de Bem Estar (que nunca chegou ao Brasil) em meados de 1980. Desta maneira, o neoliberalismo no Brasil foi um modelo trazido de países centrais, não sendo, portanto, um modelo projetado com relação às especificidades do país. A implantação deste modelo na América Latina possui objetivos muito bem definidos. Portanto, previa a

abertura dos mercados internos, realizando um ajuste monetário e fiscal de dívidas públicas do exterior, através da exploração do capitalismo sobre os países periféricos (PACCOLA, 2016). Tudo isso aliado a carga histórica colonial e de exploração foi um bom leito ao sistema neoliberal, com a solidificação do sistema no governo Collor em 1990.

Portanto, no sistema neoliberal, as desigualdades sociais são tidas como "diferenças naturais" e a intervenção do governo levaria, na verdade, a desigualdades, pois indicaria dedicação desigual em indivíduos que seriam iguais perante a lei. Logo, só com a existência do Estado Mínimo (desmontando o Estado de Bem-Estar) é que poderá ter igualdade e liberdade dos indivíduos (PASTORINI, 2004). No modelo de Bem-Estar Social há um investimento público para as políticas sociais, portanto, ao limitar sua atuação, se possibilita o desmonte em nome das propriedades privadas e "liberdade individual", em um modelo de Estado Mínimo.

A proposta neoliberal implica, então, na redução do gasto público destinado às políticas sociais, com remoção de direitos trabalhistas e direitos sociais, apenas em nome dos direitos civis, principalmente da propriedade privada. Essa igualdade dos indivíduos, supostamente iguais perante a lei, na prática não se materializa no acesso igualitário às oportunidades e o Estado apenas protege propriedades e a liberdade de quem é atrativa e lucrativa (PASTORINI, 2004). Ressalta-se que se a premissa base é a liberdade individual de mercado, logo, o individualismo em suas diferentes formas também é presente, cada indivíduo por si em isolamento, estimulando uma grande competição e diferenciação, uma vez que a ideologia do individualismo é tão enraizada na sociedade, não há estranhamento e tal postura é percebida como natural. Tudo sob o pretexto de um mundo globalizado se adequando ao mercado, existindo então, a manutenção da ordem social (COSTA; MENDES, 2020).

Seguindo a lógica de individualização e competição, todos os problemas estruturais da sociedade vão para o individual em uma polarização social com os indivíduos. Ou seja, a raiz do problema na verdade é direcionada para o outro ou para si mesmo, ignorando a verdadeira estrutura social pautada na história. Perpetua-se esse intensifica a alienação e a diferenciação, ninguém se identifica entre si (COSTA; MENDES, 2020). A dimensão subjetiva também é ativa no processo, adentrando e reproduzindo a continuidade do sistema e da ordem social vigente, em uma relação dialética entre subjetividade e objetividade, sendo inseparável e dialógica.

À vista disso, pelas palavras de Pastorini (2004), as transformações globais têm diferentes impactos nos países do centro capitalista e naqueles que ocupam o lugar periférico, tais como países latino-americanos que foram submetidos a lugares de manutenção, colocando aqui em destaque o Brasil. De acordo com Costa e Mendes (2020), as medidas neoliberais ganham força no Brasil na década de 1990 durante o governo Collor, com continuidade nos governos de Fernando Henrique Cardoso e ganha grande fortalecimento em 2016 com Michel Temer, e Jair Bolsonaro em 2018. Em decorrência das configurações dos governos neoliberais desde 1990, considera-se importante a reflexão sobre o impacto dos percursos históricos do Estado e das suas transições na constituição das relações sociais nesse cenário político-econômico, a pergunta é como se constituirão as relações sociais nesse cenário político-econômico (COSTA; MENDES, 2020). O modelo produziu e produz novos modos de subjetivação (SILVA; ALEXANDRE, 2019). Sofre assim, o Brasil e seu povo, os desdobramentos do neoliberalismo na dimensão subjetiva da realidade.

4.1- NEOLIBERALISMO E DIMENSÃO SUBJETIVA

O neoliberalismo traz consigo suas produções na dimensão subjetiva e realiza a manutenção de estruturas de poder também já formadas no seio brasileiro desde seu descobrimento e exploração. O diálogo da história com a realidade está sempre presente, principalmente no que tange às produções subjetivas a partir dos modelos que não são apenas econômicos, mas também ideológicos, tal como o neoliberalismo. Aqui se encontra uma terra fértil pela raiz colonial de um povo na procura de ser. As identidades individuais fomentadas pelo neoliberalismo refletem a estrutura social, conservando-a.

De acordo com Silva e Alexandre (2019), tendo o neoliberalismo como cenário, uma desigualdade social crescente tem sido uma característica marcante e persistente, delimitando, então, em conjunto com o aumento das desigualdades, o restabelecimento de poder das classes sociais mais altas. Quanto menor intervenção estatal referente às políticas sociais, maior o lucro e o acúmulo de riqueza.

Ademais, é indissociável a relação de um sistema voltado ao neoconservadorismo moral pelo neoliberalismo, atuando então na subjetividade e na identidade. Inicialmente, no conservadorismo a proposta era de “conservar” valores e instituições (monarquia e a religião cristã), das quais eram considerados essenciais à sociedade. Pode-se observar também que na versão atualizada do conservadorismo

existe a defesa das elites (ALMEIDA, 2018). Já no neoconservadorismo, defende-se a restauração da autoridade da lei, da ordem e de um Estado mínimo que não atrapalhe a liberdade individual e a livre iniciativa. Tem um sistema de crenças e afetos que não abandona os interesses individuais, se unindo aos princípios neoliberais (ALMEIDA, 2018). Além disso, não podem ser entendidos como universais, sofrendo influência do contexto marcado pela história do país, da nação e de seu povo.

Ao trazer para o contexto brasileiro e nas raízes do Brasil, Darcy Ribeiro (2015) aponta sobre a cicatriz histórica latente, em que há uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida pela maioria dominante, em que é eficaz na manutenção de um projeto que favorece apenas os mesmos. Inserindo o capitalismo neoliberal, a lógica de controle perpetua sob a forma do trabalho alienado. Há apenas a atualização do mesmo de outrora, dificulta-se a identificação do brasileiro a si mesmo, apagando suas raízes com a cegueira da opressão que sofre, nesse sentido, a própria identidade do povo brasileiro, se produz em meio ao social existente, na dialética do mundo concreto e do subjetivo, em uma dança conjunta e inseparável (COSTA; MENDES, 2020).

Portanto, Costa e Mendes (2020) apresentam a categoria de neoninguéns (ninguendade + neoliberalismo), no diálogo velho-novo Brasil. A neoninguendade remete ao ninguém trazido por Darcy Ribeiro, mas o neoninguém se encontra na dinâmica neoliberal e na produção de indivíduos neoliberais. Seus valores e ideais estão associados às classes dominantes e as estruturas sociais de poder. De acordo com Silva e Alexandre (2019), pautando também a produção subjetiva, observa-se que um dos elementos centrais é a ideia de liberdade individual, na relação com a defesa de uma liberdade de mercado. A ideologia de uma liberdade individual trazida pelo neoliberalismo sugere que o sujeito pode então ter e conseguir tudo o que deseja, seja trabalho, ascensão social, sucesso e realização das mais variadas formas, e tudo sem depender de outros, incluindo o Estado (SILVA; ALEXANDRE, 2019).

A vista disso, a linha de produção do sujeito neoliberal se move pelos próprios interesses, ele é indiferente à esfera pública e assume as rédeas de controle e de regulamentação da vida das populações (MANCIBO, 2002). Nessa perspectiva, sustenta-se o argumento de que um sistema econômico não é neutro, a partir das propostas de mercado. O neoliberalismo se alimenta das pautas morais, tal como um neoconservadorismo muito presente no Brasil e que trabalha auxiliando na naturalização daquilo que é histórico, fruto de um processo de colonização. Essa

lógica, muito presente na chamada meritocracia, faz parecer que o sucesso ou fracasso de qualquer indivíduo tenha relação única e exclusivamente com questões de caráter e moralidade.

A sensação de fracasso pessoal é propagada pelo empobrecimento das políticas públicas do Estado, uma vez que é cada um por si e a competitividade é elevada. Assim, se tem no modelo de Estado Mínimo um governo que reduz os recursos das políticas públicas, acentuando uma suposta responsabilidade pessoal (SILVA; ALEXANDRE, 2019). Dificulta cada vez mais a existência de um povo brasileiro que exista e se liberte das amarras neoliberais.

Uma grande dificuldade para sair do discurso neoliberal é o desafio do reconhecimento dos desdobramentos sofridos. De acordo com Martin- Baró (2017), a relação entre o indivíduo e sociedade só pode ser compreendida a partir da totalidade, sempre impactada pelos processos históricos. Portanto, quanto maior a consciência, maior a nitidez para superar as ideologias vigentes nas estruturas que agem sobre os sujeitos. O movimento da consciência, portanto, por meio da ação e reflexão coletiva sobre a realidade permite abrir um campo de possibilidades.

Para uma superação do neoconservadorismo, neoliberalismo e de suas pautas, esta não irá ceder também com a demonstração da fragilidade dos discursos, mas também com a transformação das condições que fomentam a perpetuação do sistema (ALMEIDA, 2018). No tocante à identidade brasileira, Costa e Mendes (2020), trazem o questionamento da dificuldade do brasileiro se visualizar e identificar entre si, pois no modelo neoliberal há um enraizamento da hegemonia ideológica individualista e competitiva. Como se identificar enquanto próximos, inclusive na exploração desde berço do Brasil, em um cenário cheio de antagonismos? Perpassa para além de modelo econômico, atravessa e se desdobra na dimensão subjetiva da realidade.

Por fim, pensando no cenário atual, a produção de neoninguens é cada vez mais presente em uma nação que se insere profundamente nesse modelo de produção do sujeito neoliberal. Ressalta-se que, no Brasil, o povo não produz o que faz para si, mas sim para outros desde a colonização e exploração. Porém, com a reprodução da ideologia individualista e meritocrática enraizada pelo modelo neoliberal, é dificultada, como uma nuvem espessa diante dos olhos, a percepção dos sujeitos sobre tal realidade. Percepção de sua identidade, de sua subjetividade e de seu valor como um povo. Realiza-se então a manutenção de neoninguens. E nas palavras de Darcy Ribeiro (2015), é um povo sem ser, na dura luta de seu destino e

de existir para si, este povo não sendo mais ninguens, mas sim, na consciência de si e de seu caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que, para além de um projeto político e econômico, o neoliberalismo também pode ser capaz de produzir novas formas de viver e de se identificar no mundo. A história e construção do Brasil é base e subsidio presente na estrutura dos moldes neoliberais. O neoliberalismo à brasileira tem seu caráter atípico pela cicatriz colonial do país, onde houve muita exploração e uma grande dificuldade de existir para si pelos modelos violentos e ideológicos que visavam à manutenção da manipulação do povo brasileiro. Considera-se que, a respeito da fábrica de neoninguens, esta se encontra em um processo histórico recente que está sendo desenvolvido e transformado a todo tempo. A ninguentade adjunta ao neoliberalismo traz os valores e ideais que estão associados às classes dominantes e as estruturas sociais de poder, desembocando na dificuldade de um povo brasileiro em compreender seus reais problemas, seus antagonismos e o desmonte das políticas públicas.

À vista disso, pensar no projeto da Psicologia, independentemente do local de atuação poderia contribuir para construir e pensar possibilidades de atuação, das quais possam favorecer um posicionamento frente à situação, lembrando também do impacto do neoliberalismo ao retirar o estado de bem-estar (que favorecia as políticas públicas e o acesso ao crescimento) e inserir o estado mínimo. Considera-se que o impacto perpassa sobre a subjetividade e identidade, onde a responsabilidade e a questão da falta do Estado passa a ser percebida como algo da ordem individual e a competitividade como processo natural da existência. O cenário das políticas sociais é de ainda mais desigualdade social e precarização dos setores públicos, caminho do qual dificulta o caminho para a equidade do sujeito que está na pobreza.

Aqui se relembra que em um local de individualidade, isolamento e competitividade, como sair da fábrica de neoninguens no Brasil? O neoconservadorismo é utilizado também como ferramenta de manutenção, mantendo valores a favor de alienar a população brasileira, em um alto moralismo aliado ao sistema neoliberal. Aqui também caberia a atuação da psicologia no auxílio na luta contra os assujeitamentos, defendendo os direitos da população. Por fim, considera-se que o presente trabalho possa contribuir na compreensão da realidade a partir de

reflexões a partir da categoria de análise da dimensão subjetiva da realidade, nas intersecções da relação dialógica com a antropologia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de A. Neoconservadorismo e liberalismo. In: _____. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 27-32.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: _____. **Psicologia sócio-histórica** (uma perspectiva crítica em psicologia). São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-37
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair. Dimensão Subjetiva: uma categoria potente em vários campos da psicologia. In: _____. **Dimensão subjetiva: uma proposta para uma leitura crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2020. p. 15-38.
- BOCK, Ana Mêrces Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Subjetividade: O sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. In: _____. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005. p. XX
- CIAMPA, Antonia da Costa. Identidade. In: _____. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 58-78.
- COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. A eterna fuga da ninguentude: ofensiva do capital, identidade brasileira e produção de neoninguêns. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 20, n. 49, p. 476-489, dez. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2020000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 ago.2021.
- COSTA, Pedro Henrique Antunes da; PAIVA, Fernando Santana. Por uma psicologia social morena. **Revista de ciências humanas**, Florianópolis, v.52, p. 1-20, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2018.e54111> >. Acesso em 17 ago. 2021.
- SOUZA FILHO, José Alves de ; SANTOS, Beatriz Oliveira. O sintagma identidade-metamorfose-emancipação e sua relação com o construto mundo da vida. **Psicologia e Sociedade**. v.29, n.17, p.1-9, 2017. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZVxHxkwnt9ykNHwxHtMt4MD/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 5 maio. 2022.
- GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: _____. **Psicologia sócio-histórica** (uma perspectiva crítica em psicologia). São Paulo: Cortez, 2007. p. 37-53.
- GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica como prática de libertação**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: _____. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 10-19.

MANCEBO, Deise. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. **Psicologia Ciência e Profissão** . v. 22, n. 1, p. 100-111, 2002. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/GqS9P3sBFp7ZLYP5ZZN3rck/?format=html&lang=pt#>>. Acesso em: 29 set. 2021.

MIGLIEVICH- RIBEIRO, Adélia. A antropologia dialética de Darcy Ribeiro em “O povo brasileiro”. **SINAIS** . v.1, n.6,p. 52-72, 2009. Disponível em: <
<https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/2753/2221#:~:text=Darcy%20Ribeiro%20elogia%20o%20povo,isso%2C%20desafia%20essencialismos%20e%20destinos>>. Acesso em: 20 out. 2021.

MARTIN-BARÓ, I. **Crítica e Libertação na Psicologia: estudos psicossociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PACCOLA, Marco Antonio Bestetti. A Construção da “Hegemonia” Neoliberal no Brasil. **Sinais**. v. 1 n. 19 . p.1-19, 2016. Disponível em: <
<https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/9477> >. Acesso em 19 jun. 2022.

PASTORINI, Alejandra. As manifestações da “questão social” na America Latina. In: _____. **A categoria “questão social” em debate**. São Paulo: Cortez, 2004. p.75-96.

PASTORINI, Alejandra. As mudanças na sociedade contemporânea e a “questão social”. In: _____. **A categoria “questão social” em debate**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 16-45

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3.ed. São Paulo: Global, 2015. 358 p.

SILVA, Gervásio de Araújo Marques da. A crise da psicologia social brasileira: apontamentos históricos. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 71, n. 3, p. 48-63, dez. 2019 . Disponível em
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun. 2022.

SILVA; Rafael Bianchi; ALEXANDRE, Ana Clara Siena. Políticas sociais e subjetividade: discussões a partir do contexto neoliberal. **Psicol. Pesq.** v.13, n. 1, p. 1-11. Disponível em: <
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23784>>. Acesso em: 13 maio. 2022.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **Tendências ideológicas do conservadorismo** 1. Ed. Recife: UFPE, 2020. 389 p.